

Trump e a agenda “*anti woke*”

Fim do capitalismo de propósito ou mais um teste para a verificação do comprometimento verdadeiro dos agentes empresariais com a diversidade e a inclusão?

Ana Frazão

Advogada. Professora de Direito Civil e Comercial da UnB. Ex-Conselheira do CADE.

Já dediquei alguns artigos à agenda ESG, tanto para explorar os seus fundamentos, inclusive à luz da racionalidade econômica¹, como também para destacar seus riscos, dentre os quais o de se tornar mera questão de *marketing* ou diversionismo². Não obstante, a nova era Trump mal começou e já vem trazendo desafios adicionais para o tratamento do tema em face da agenda *anti woke*, que tem se mostrado uma de suas pautas prioritárias.

Antes de mais nada, é importante lembrar que a cultura *woke* – cujo termo remete ao fato de se acordar para a importância da diversidade, equidade e inclusão – não deixa de ser um dos desdobramentos da agenda ESG, ainda que mais voltada para a justiça social e para a igualdade, notadamente de raça e gênero. Não é sem razão que o termo *woke* está relacionado ao movimento de luta por igualdade racial nos Estados Unidos em meados do século 20, assim como está associado à chamada pauta *DEI - diversity, equity and inclusion*.

Verdade seja dita que a forma *woke* de ver os negócios e o próprio capitalismo sempre esteve cercada de controvérsias e dissensos. Antes mesmo da eleição de Trump, já se observava uma redução das pautas identitárias nos

¹ <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/capitalismo-de-stakeholders-e-investimentos-esg>

² <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/diario-secreto-dos-investimentos-esg>

Estados Unidos, ainda que a onda não tivesse chegado ao Brasil na mesma proporção³.

Todavia, a segunda eleição de Trump vem se mostrando um divisor de águas na discussão, até porque foi imediatamente seguida por inúmeras mudanças nas políticas de diversidade e inclusão (D&I) nas *big techs*, como é o caso da Meta, Google e Amazon, e também em outras grandes empresas, como é o caso do Walmart e do McDonald's. Ao que se sabe, trata-se de uma reversão consistente da tendência à diversidade que ganhou força após o famoso assassinato de George Floyd.

Aliás, a declaração de Zuckerberg quanto à mudança da política de curadoria de conteúdos da Meta, a fim de flexibilizar os controles e as testagens até então existentes, implicou, para muitos, um dos marcos do declínio da cultura *woke*, já que a liberdade de expressão, sem qualquer controle quanto aos seus abusos, costuma causar prejuízos especialmente para as minorias e os mais vulneráveis.

Daí não ter havido nenhuma surpresa que a Meta também tenha descontinuado seus programas de diversidade e inclusão, tendo Mark Zuckerberg chegado a declarar em uma entrevista que sentia falta de "energia masculina" na cultura corporativa. É compreensível, nesse contexto, que, no sábado 08.02.2025, a executiva Daniela Sapin anunciou no LinkedIn sua demissão voluntária da Meta alegando que, embora seja possível que corporações se alinhem política e economicamente a governos poderosos, não poderia apoiar a velocidade e a intensidade da virada retórica da Meta⁴.

Vale ressaltar que tal agenda hoje se alastra igualmente para a academia, pois vários bilionários norte-americanos decidiram apoiar apenas universidades *anti woke*. O próprio Trump, além de ter determinado a retirada de fundos de escolas que ensinam teorias *woke*⁵, associou o recente acidente entre um avião e um helicóptero militar que vitimou 67 pessoas em Washington aos

³

<https://capitalreset.uol.com.br/diversidade/como-a-onda-anti-woke-interfere-nas-politicas-de-diversidade/>

⁴ <https://istoedinheiro.com.br/executiva-saida-da-meta-nao-posso-apoiar/>

⁵ <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/trump-assina-ordem-para-retirar-fundos-de-escolas-que-ensinam-agenda-woke/>

critérios de diversidade que pautariam as contratações, indicando que a agenda *woke* estaria relacionada à incompetência⁶.

Na verdade, em menos de duas semanas, Trump expediu uma série de *executive orders* para reverter as políticas *woke* em prol da suposta meritocracia. Mais do que isso, afirmou que as iniciativas *woke* seriam medidas discriminatórias, anti-americanas e dirigidas por uma agenda de esquerda, deixando claro que a política de banimento deve abranger igualmente agências governamentais e universidades⁷.

Em recente reportagem, a Reuters tenta sumarizar o que vem acontecendo nos Estados Unidos⁸. Por meio de uma série de *executive orders*, Trump vem revogando diversas políticas de diversidade e equidade, que vão desde as que asseguram direitos dos transgêneros àquelas que procuram proteger pessoas que vivem em comunidades negras ou latinas com baixo rendimento e expostas a altos graus de poluição. Ademais, Trump acabou com o que chama de *illegal discrimination* nas práticas de contratação do governo, revogando políticas e direitos trabalhistas que remontam a 1965, assim como proibindo que companhias que contratem com o governo federal ofereçam qualquer tipo de ação afirmativa.

A reportagem da Reuters ainda indica que os procuradores gerais de 13 estados norte-americanos governados pelos republicanos enviaram cartas para os CEOs das maiores companhias norte-americanas advertindo que tratar diferentemente pessoas em razão da cor da sua pele, mesmo que para propósitos benignos, é ilícito e errado. A mensagem também afirma que as companhias que prosseguirem com tais iniciativas incidirão em discriminação racial, com todas as graves consequências jurídicas daí decorrentes.

Como se pode ver, está-se diante de um verdadeiro conjunto coordenado de iniciativas que, além de terem efeitos imediatos no setor público, também se projetam sobre o setor privado, a partir de ameaças e constrangimentos.

⁶ <https://www.nytimes.com/2025/01/30/us/politics/trump-plane-crash-dei-faa-diversity.html>

⁷ <https://www.theguardian.com/us-news/2025/feb/02/trump-woke-dei-culture-wars>
<https://www.theguardian.com/us-news/2025/feb/02/trump-woke-dei-culture-wars>

⁸ <https://www.reuters.com/sustainability/boards-policy-regulation/analysis-can-diversity-inclusion-survive-trumps-war-woke-2025-02-17/>

Logo, pelo menos no âmbito empresarial, é precipitado atribuir a reversão da agenda *anti woke* a uma mera questão de oportunismo político de muitos agentes econômicos. Afinal, muitos podem estar desistindo de suas políticas de inclusão simplesmente por estarem sendo coagidos, o que compromete a espontaneidade e a voluntariedade da agenda *anti woke*.

Talvez por essa razão, os reflexos da onda *anti woke* ainda não tenham chegado ao Brasil com a mesma intensidade, embora seus efeitos já possam ser sentidos. Recentemente, a nova vice-presidente executiva de pessoas da Vale, Catia Porto, afirmou em postagem no seu Instagram que a chamada cultura *woke* está perdendo espaço para o que ela chama de movimento "MEI", sigla para "mérito, excelência e inteligência"⁹.

Não obstante, várias companhias brasileiras, como o Banco do Brasil e a Natura, continuam defendendo a importância da diversidade¹⁰, assim como a B3 se mantém firme na defesa da pauta. Nesse sentido, o presidente da B3 deu recente declaração dizendo que não vai recuar da agenda de diversidade, o que foi reforçado pela presidente de marketing, comunicação, sustentabilidade e investimento social da B3, inclusive sob o fundamento de que a pauta gera melhores resultados para os negócios¹¹.

Entretanto, não se pode ignorar que as iniciativas *anti woke* avançam no Brasil, inclusive por meio do Poder Legislativo. Como exemplo, pode ser citada a Câmara de Vereadores de São Paulo, onde a bancada da direita criou verdadeira agenda *anti woke*, a fim de lutar contra pautas identitárias e direitos de minorias¹².

Ainda que não se possa extrair conclusões definitivas sobre as repercussões e os resultados de médio e longo prazo do processo ora descrito, as informações atualmente disponíveis já nos permitem extrair ao menos algumas conclusões importantes.

⁹ <https://investalk.bb.com.br/noticias/economia/compromisso-ou-marketing-movimento-anti-woke-reacende-debate-sobre-diversidade-nas-empresas>

¹⁰ <https://investalk.bb.com.br/noticias/economia/compromisso-ou-marketing-movimento-anti-woke-reacende-debate-sobre-diversidade-nas-empresas>

¹¹ B3 não vai recuar em agenda de diversidade, diz presidente. Folha de São Paulo. Edição de 13.022025, A10

¹² https://www.metropoles.com/sao-paulo/bancada-de-direita-cria-agenda-anti-woke-na-camara-de-sp-entenda#google_vignette

Em primeiro lugar, os fatos recentes reforçam o quanto a teoria econômica tradicional, ao ignorar a importância do poder e da política para a conformação dos mercados, é descolada do mundo real, onde são intensas as relações entre o poder político e o poder econômico. Na verdade, este último costuma ser fonte do primeiro e dele se utilizar para uma série de vantagens, assim como a recíproca também é verdadeira. Trata-se de reflexão relacionada ao capitalismo de camaradagem (*crony capitalism*), que é um problema crônico desde os primórdios do capitalismo¹³.

Em segundo lugar, observa-se na justificação da agenda *anti woke* argumentos incorretos, como é o caso da busca da meritocracia, ignorando que esta não existe em um mundo real que não assegura as mesmas oportunidades para todos e que, sem as ações afirmativas, a chamada pauta MEI – mérito, excelência e inteligência – torna-se fácil subterfúgio para a defesa dos privilégios das classes dominantes.

Com efeito, a principal razão das pautas identitárias é precisamente a de promover maior igualdade de oportunidades para minorias que, por uma série de razões não justificáveis, como as inúmeras formas de discriminação ilícita ou abusiva, foram historicamente excluídas do acesso à educação de qualidade e a melhores empregos. Daí por que, sob vários aspectos, tais ações afirmativas são medidas que, longe de burlarem o mérito, buscam assegurá-lo.

Outro argumento que aparece reiteradamente, mas de forma insuficiente, é o que relaciona a agenda *anti woke* à defesa da eficiência, sem que sejam considerados os inúmeros estudos que apontam para a importância da diversidade na inovação e na criatividade, com a consequente geração de melhores resultados para as companhias.

Em terceiro lugar, observa-se a importância dos governos no desenho dos mercados. Não bastasse o papel simbólico das declarações e dos vários atos de Trump no setor público e nas universidades que dependem de fundos estaduais - o que já seria bastante relevante - fato é que se criou nos Estados Unidos um ambiente de ameaça e temor para os agentes econômicos, que

¹³ <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/direito-da-concorrencia-e-democracia-o-que-um-tem-ver-com-o-outro>;
<https://www.jota.info/coberturas-especiais/as-claras/precisamos-falar-sobre-lobby>

acaba criando forte e indevida pressão para a implementação da agenda *anti woke*.

Com efeito, é bastante grave que empresários americanos estejam recebendo comunicados dos procuradores gerais de seus estados com ameaças de punição caso mantenham suas pautas de diversidade. Esta circunstância, somada a muitas outras, evidenciam que, muito mais do que o oportunismo e a conveniência política que fazem com que empresários possam querer se alinhar a governos, existe aqui um exemplo de verdadeira coerção, que afasta a possibilidade de se entender que se trata de adesão voluntária.

Dessa maneira, há boas razões para se concluir preliminarmente que, na atualidade, a agenda *anti woke*, pelo menos no contexto norte-americano, longe de avançar em razão da iniciativa espontânea dos empresários ou da solidez e robustez dos seus argumentos, ganha espaço também por uma questão de poder e ameaça. Resta saber se os empresários efetivamente comprometidos com o tema, tanto nos Estados Unidos como nos demais países, terão condições de resistir.

Publicado em 19/02/2025

Link: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/trump-e-a-agenda-anti-woke>